



CUBA E O PÓS-GUERRA FRIA: MUDANÇAS ECONÔMICAS E A POLÍTICA EXTERNA A PARTIR DOS ANOS 1990

CUBA AND THE POST-COLD WAR: ECONOMIC CHANGES AND FOREIGN POLICY FROM THE 1990S

ISABELA CHERMAN GASPARIN

Acadêmica do curso de Relações Internacionais do Centro Universitário Dinâmicas das Cataratas – UDC. Foz do Iguaçu/PR. <https://orcid.org/0000-0002-2475-2894>, E-mail: isabelacherman@hotmail.com

VICTÓRIA MARIA BERTI RAMOS

Acadêmica do curso de Relações Internacionais do Centro Universitário Dinâmicas das Cataratas – UDC. Foz do Iguaçu/PR. <https://orcid.org/0000-0002-6157-9752>. E-mail: vickmaria_br@hotmail.com

OSVALDO ALENCAR BILLIG

Mestre em Administração, professor do Centro Universitário Dinâmica das Cataratas (UDC); Membro Efetivo e Coordenador do Comitê de Ética em Pesquisa Envolvendo Seres Humanos (CEP/UDC); Avaliador de cursos do MEC/INEP - BASIs. ORCID <https://orcid.org/0000-0002-4166-9232>. E-mail: probillig@gmail.com

RESUMO

Com o fim da revolução Cubana em 1959, e fim do regime militar que governava Cuba desde o início da década de 1950, o país, que desde sua independência da Espanha sofria fortes intervenções dos Estados Unidos da América, atravessou uma série de mudanças políticas, econômicas e sociais. Essa pesquisa, que conta com a metodologia de análise bibliográfica, enfoca nas consequências que a Guerra Fria trouxe para a ilha, que se voltou politicamente contra seu principal aliado comercial ao aderir o comunismo soviético. O final dos anos 1990 encaminhou Cuba para uma nova dinâmica de relações diplomáticas a fim de se reerguer do isolamento global que intensificou as dificuldades em sua busca pelo desenvolvimento, uma recuperação agora possibilitada pela progressiva abertura às ideologias de comércio interestatal, firmando parcerias com União Europeia, China e América Latina, tornando a nação, independentemente da forte intervenção estatal, um ator mais presente no atual mercado internacional.

Palavras-chave: revolução; economia; potências; transformações; mercado.





ABSTRACT

With the end of the Cuban revolution in 1959, and the end of the military regime that ruled Cuba since the early 1950s, the country, that since its independence from Spain has suffered strong interventions from the United States of America, has undergone a series of political, economic and social changes. This research, which relies on bibliographic analysis methodology, focuses on the consequences that the Cold War brought to the island, which turned politically against its main commercial ally when joining soviet communism. The late 1990s led Cuba to a new dynamic of diplomatic relations in order to recover from the global isolation that intensified the difficulties in its search for development, a recovery now made possible by the progressive opening to interstate trade ideologies, establishing partnerships with the European Union, China and Latin America, making the nation, regardless of its strong state intervention, a more present player in the current international market.

Keywords: revolution; economy; powers; transformations and market.

1. INTRODUÇÃO

A República de Cuba é uma ilha localizada no Caribe, foi encontrada por Cristóvão Colombo, em 1492, e anexada ao território Espanhol que tinha interesse sobre a ilha devido a sua posição estratégica, situada perto de países como o México e Estados Unidos da América (EUA). Após, quase 400 anos de colonização, só conseguiram conquistar sua independência com a ajuda direta dos EUA, em 1898, pois, apesar de haverem tido diversos conflitos e revoltas entre o país cubano e o espanhol, ele não tinha força suficiente para combater o exército espanhol sozinho. Assim, se por um lado conquistou sua independência da Espanha, por outro abriu espaço para que o país estadunidense criasse uma forte dominância sobre a política interna cubana.

Em 1903, o país assinou um tratado com Estados Unidos, a fim de proteger sua economia recente de uma possível acentuada interferência e proteger a legitimidade da nação recém-independente. Entretanto, a emenda constitucional causou na ilha uma forte dependência em relação à potência capitalista, que passou a poder intervir nas decisões de seu protetorado e até instalar bases militares no território cubano, além de integrar características políticas e econômicas. Subsequentemente, a década de 1960,





trouxe radicais mudanças para a relação entre os dois países, com o fim da Revolução Cubana em 1959, e a aderência da nação latina ao sistema comunista, sua aproximação com a União Soviética, rival do bloco capitalista liderado pelos EUA durante a Guerra Fria que estava encaminhada para seu auge em 1962, levou a um bloqueio estadunidense que impedia seus aliados de negociar com o governo cubano, condição que se tornaria lei na década de 1990, trazendo consequências como impedimento às ajudas humanitárias para a crise cubana.

O objetivo desse artigo é analisar, através de pesquisa bibliográfica, as transformações que ocorreram em Cuba, em consequência dos efeitos que Guerra Fria trouxe para o país, considerando a adoção do novo sistema econômico comunista e os empecilhos estadunidenses. Além disso, avaliar também as novas oportunidades de política externa que estão adotando ao passarem a se relacionar com novos países e também seus recursos para se recuperar política e economicamente do seu longo período de submissão.

A pesquisa teve na escolha de seu tema a consideração do precedente de que Cuba passou muito tempo em uma situação de negligência em relação a sua política externa, mesmo mostrando-se um ator de grande importância e jornada peculiar para o estudo das relações internacionais contemporâneas. Sendo um pequeno país insular na América Central que até os dias atuais se mostra alvo de batalhas ideológicas, teve, logo após sua independência da metrópole espanhola, um acentuado intervencionismo estadunidense legitimado por acordos internacionais enfraquecidos pela aproximação com o bloco socialista, assim, o país latino criou para si uma identidade nacional única que sofreu influência de atores de diferentes polos econômicos e ideológicos.

Pensando nisso, uma pesquisa qualitativa será realizada, onde buscaremos analisar os resultados transformadores que foram decorrentes da influência do Pré e Pós-Guerra Fria nos âmbitos, econômicos, políticos e sociais do país latino americano, Acreditamos que, através da análise bibliográfica, onde consideramos literaturas especializadas retiradas de artigos, teses, sites de internet e jornais, a conclusão dessa





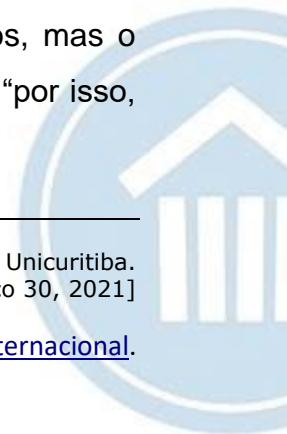
pesquisa servirá como um acréscimo de conteúdo para internacionalistas formados e em formação que tenham interesse em entender as singularidades da consolidação de Cuba no sistema internacional e busquem aprofundamento no estudo das modificações e desenvolvimento econômico da nação.

2. BREVE HISTÓRIA DE CUBA

2.1 A COLONIZAÇÃO

A histórica cubana nasceu marcada por muita tragédia. Segundo Ramiro Guerra Y Sanchez (1921), pode-se estimar que quando Cristóvão Colombo chegou a Cuba em 1492, houvesse pouco mais de 100 mil habitantes indígenas, Colombo foi quem desempenhou os primeiros reconhecimentos das costas de Cuba, mas sua colonização mesmo se deu apenas com Diego Velásquez que chegou ao novo mundo em 1511. A Espanha, ao colonizar a ilha, requeria a procura e extração do ouro, os índios nativos foram escravizados e obrigados a trabalhar arduamente em minas, entretanto, o ouro era escasso e durante esse processo e muitos morreram devido às más condições (Thomas Coke, 1811).

Apesar da falta de ouro, a localização geográfica da ilha, posicionada no centro do oceano Atlântico e próxima de seus países vizinhos eram estratégicas e favoráveis para o intercâmbio comercial, segundo Guerra (1944), a agricultura se desenvolveu paralelamente com o comércio, uma vez que a Espanha precisou implementar a agricultura, sobretudo a produção de açúcar e a pecuária para garantir a subsistência da ilha, com a baixa de mão-de-obra, negros escravizados começaram a serem trazidos da África para suprirem a mão-de-obra faltante nos trabalhos agrícolas pesados, mas o comércio ainda não era completamente livre, Le Riverend, (1997) afirma que “por isso,





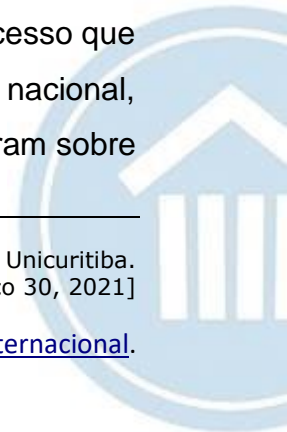
em 1765, foi autorizado o comércio de Havana com diversos portos espanhóis e, em 1778, começou-se a permitir o comércio com barcos estrangeiros” (tradução nossa).

A abertura do comércio propiciou um grande impulso no comércio de exportações que possibilitou um aumento na demanda de açúcar, tabaco e café para o exterior, os fazendeiros cubanos que estavam se beneficiando com as vendas começaram a mecanizar suas fazendas para aumentar seus lucros (Le Riverend, 1997). Entretanto, o período do final do século XVIII e início do XIX foram marcados por inúmeros movimentos de independências coloniais, para evitar que Cuba os acompanhasse foram tomadas inúmeras medidas repressivas à população cubana e por isso as conspirações libertárias que ocorreram foram frustradas.

No ano de 1868 iniciou-se a guerra dos Dez Anos, liderada pelo latifundiário Carlos Manuel de Céspedes que falece 4 anos antes do fim da guerra, que buscava a liberdade da Espanha e também conquistou a gradual abolição da escravatura, que consolida em 1880. Outra tentativa ocorre em 1895, a qual também fracassou levando junto seu líder José Martí, a ocorrência dessas guerras e a vitória espanhola em ambas comprovavam o interesse de se manter metrópole da Espanha. Cuba encontrava-se arrasada, mas novamente, em 1898 apostaram em uma nova batalha que contou com a interferência de uma ação militar estadunidense sobre o território, conseguiram que a Espanha renunciasse sua soberania sobre o território ao assinar o tratado de Paris e a entregou nas mãos dos Estados Unidos, os quais ocuparam o país em 1899 (Le Riverend, 1997).

2.2 O PÓS-INDEPENDÊNCIA E O INÍCIO DA RELAÇÃO COM OS ESTADOS UNIDOS DA AMÉRICA

As independências na América Hispânica foram marcadas por um processo que envolveu uma desigualdade enraizada desde os princípios da formação nacional, segundo Maria Lígia Prado (2004), as elites liberais hispânicas que se impuseram sobre





a sociedade, após enfrentarem acentuada resistência do setor conservador, criaram um processo de setores dominados que atrasaram a criação de uma economia independente e identidade nacional, além disso, já nos anos iniciais do século XX, o caso cubano contou com o início da influência estadunidense como iniciativa de protecionismo para evitar iniciativas de recolonização espanhola, o que prejudicou o desenvolvimento de um Estado firme e autônomo: “a ingerência externa direta norte-americana, que colocou em questão a própria existência de um Estado Nacional soberano”. (PRADO, 1994).

Ao analisar a inserção da ilha de Cuba como ator do sistema internacional, é imprescindível analisar a conjuntura política e histórica que acompanhou a nação até o processo de Revolução Cubana. O pequeno país localizado na parte central do continente americano, além de acompanhar a tendência geral das colônias hispânicas de dependência internacional, recebeu a especificidade de ser alvo de incessantes investidas da maior potência econômica e militar do mundo contemporâneo, assim, torna-se complexa a afirmação de que a ilha realizou um processo autônomo de independência, posto que o neocolonialismo prontamente imposto pelos Estados Unidos de América sobre o território latino ocasionou em fortes heranças culturais e econômicas ao estabelecer uma política de tratados desiguais e ampla interferência militar.

Essa dependência, iniciada logo após o término do conflito da independência cubana com iniciais investidas militares por parte da potência norte-americana, que ao conterem as rebeliões que ocorriam no território latino, abriram espaço para uma série de tratados que instituíam a instalação de grupos empresariais estadunidenses em vastas porções de terra pelo país. Em 1902, enfim, foi acordada entre os países a Emenda Platt, contrato bilateral que estabelecia, entre outros recursos, a autoridade aos Estados Unidos da América de intervir sobre questões militares em Cuba por meio da construção de bases militares e o veto à celebração de tratados e negociações independentes com qualquer outro poder estrangeiro.





2.3 DEPENDÊNCIA EXTERNA E FIM DA EMENDA PLATT

Já no final do século XIX, a fim de defender seu ideal da Doutrina Monroe de “América para os americanos”, firmado já no início do século XIX (1823), os olhos do governo estadunidense voltaram seu interesse à recém-independente ilha de Cuba, vendo no território a possibilidade de avançar mais um importante passo em seu objetivo de tornar-se a influência hegemônica do continente e busca por expansão de seu mercado consumidor latino ao afastar o país das investidas imperialistas europeias. Assim sendo, durante os trinta anos de cumprimento do tratado da Emenda Platt, Cuba tornou-se um dos principais parceiros econômicos e militares da potência, entretanto, a forte influência norte-americana que atingiu todos os setores da nova nação latina, acarretou uma forte dependência, uma vez que os cubanos pouco tinham explorado seu potencial pátrio por conta própria, desse modo, em gratificação por seu consentimento em relação à influência estadunidense, a ilha recebeu proteção contra investidas vindas de potências vindas de fora do continente.

Nesse contexto, segundo o autor Luiz Fernando Ayerbe em sua obra “A Revolução Cubana” (2004), a relação de dependência firmou-se mediante um processo de tornar a cultura econômica da ilha uma produção quase que estritamente agrária e geradora de matéria prima, com foco para a cana-de-açúcar, exportando-as ao passo que abria mão de seu potencial progresso manufatureiro para importar produtos estadunidenses, que abasteciam mais de 50% de seu mercado consumidor. Com o passar dos anos, Cuba tornou-se um país desigual que detinha, em paralelo, índices econômicos semelhantes a países desenvolvidos ao passo que apresentava altos índices de desemprego e subemprego entre as camadas mais pobres, essa disparidade, por si, trouxe os primeiros indícios de união das classes trabalhadoras, que seguiam insatisfeitas com suas condições de vida e trabalho.

Ao assumir o poder no ano de 1934, o ditador Fulgêncio Batista tornou a relação entre os Estados um processo mais estritamente econômico, acompanhando a tendência





nacionalista que vinha surgindo no país, favorecendo assim as elites cubanas ao passo que mantinha o cumprimento dos interesses comerciais da potência em seu território. Não obstante, a abolição do contrato serviu como impulso para o afloramento do que resultou no Partido Comunista de Cuba, fruto das movimentações entre movimentos operários e estudantis que foram fundados por Juan Antônio Mella, em consequência, o fluxo de avanço do novo partido juntamente com o surgimento de nomes como Fidel Castro e Ernesto Che Guevara, culminaram na destituição do poder de Batista a partir da erupção da revolução comunista que mudou os rumos do desenvolvimento independente da ilha.

2.4 O INÍCIO DA REVOLUÇÃO

O processo de oposição à ditadura instaurada por Batista se inicia em 1953, a partir de um movimento liderado pelo revolucionário cubano Fidel Castro, um candidato a deputado pelo Partido Ortodoxo, que nunca teve chance de ser eleito devido ao golpe de Batista em 1952. Para Ayerbe (2004), a decepção que o revolucionário enfrentou deu espaço para o surgimento do sentimento de que somente seria possível retornar à normalidade democrática após a derrubada do ditador, portanto organiza seu primeiro movimento contra o governo ao instituir a tomada do quartel de Moncada, com o objetivo de assaltar o armamento que lá estava, assim em 26 de julho de 1953 se deu o assalto onde cerca de 90 de 135 jovens que participaram foram mortos, enquanto outros foram presos, incluindo o líder e seu irmão Raul Castro que forma condenados a 15 anos de prisão.

No entanto, devido às pressões populares alguns jovens conseguiram obter anistia, o que deu abertura para que esses rebeldes pudessem criar um grupo de resistência o Movimento Revolucionário 26 de Julho (MR-26/07), segundo Bauer, Magalhães, Freitas (2020), era uma “uma organização de luta armada e clandestina, com o objetivo de desenvolver uma insurreição, juntar as massas e tomar o poder para realizar



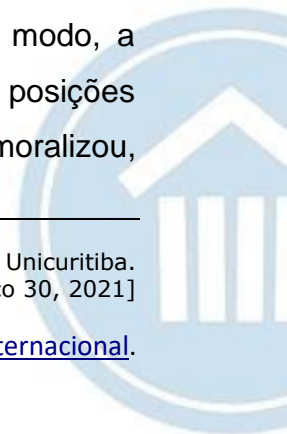


uma profunda revolução”. Essa coligação manteve contato com os irmãos Castro, que estavam exilando no México, onde tiveram a oportunidade de conhecer o argentino Ernest Che Guevara, em 1955, o qual se destacou durante os combates e conquistou a confiança do líder Fidel Castro (Ayerbe, 2004).

O MR-26/07 se baseou na obra *A história me absolverá* escrita por Fidel Castro enquanto encarcerado onde apresentou sua defesa e também propagou suas ideias para a insurreição, a qual se efetivou em 1959 (Bauer, Magalhães, Freitas 2020), desse modo, o movimento juntamente com o líder no México organizaram a próxima ofensiva e pensando nela, começaram a enviar grupos militantes de encontro a Fidel para que quando voltassem à Cuba as lutas tivessem início. Entre os objetivos da revolução o principal e mais radical, segundo Ayerbe (2004) era promover a reforma agrária, seguidamente de “ações direcionadas a melhorar as condições de vida do povo (aumentos salariais, direitos trabalhistas, diminuição de aluguéis residenciais etc.) ou diversificar o perfil econômico do país, fortalecendo a industrialização”.

A ofensiva estava suposta para ocorrer no dia 30 de novembro de 1956, o MR-26/07 criaria um levante popular neste dia enquanto presumia-se que os revolucionários vindos do México chegariam à ilha no mesmo dia, entretanto chegaram somente três dias depois, o exército de Batista já estava preparado para o ataque e por isso, dos 82 homens voluntários, apenas 12 sobreviveram, os quais fugiram para Sierra Maestra, Ayerbe (2004) conta que instalaram lá um centro para as operações guerrilheiras, onde decidiram os próximos passos e novas estratégias da revolução. O apoio da população camponesa foi aumentando gradativamente assim como os protestos e greves nas cidades, com as novas forças que estavam conquistando, as lutas armadas estavam entrando em reta final.

As guerrilhas ocorrem entre 1956 a 1959, pouco a pouco passaram a obter pequenas vitórias relevantes o suficiente para desgastar o governo desse modo, a ofensiva que teve início em novembro de 1958, ocupou cidades com posições estratégicas por este motivo Le Riverend, (1997) narra que o exército se desmoralizou,



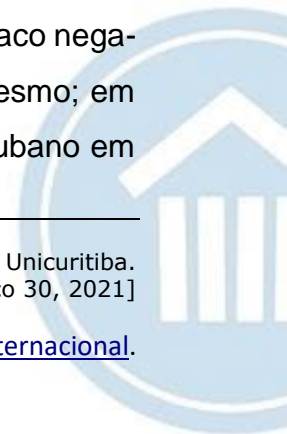


mesmo sob o comando de um ditador que recebia ajuda dos Estados Unidos não conseguiram derrotar o exército revolucionário e por isso, Fulgêncio Batista foge para a República Dominicana em 1º de Janeiro de 1959, por fim, foi estabelecido como presidente provisório Manuel Urrutia e Fidel Castro assume como primeiro-ministro.

2.5 O PÓS-REVOLUÇÃO COM AS CONSEQUÊNCIAS DA GUERRA FRIA E A ASCENSÃO DOS IDEAIS SOCIALISTAS.

Bauer, Magalhães, Freitas (2020) relembra a conjuntura histórica que a revolução cubana estava inserida, contexto de Guerra Fria onde duas grandes potências competiam pelo lugar de manter seus símbolos ideários como dominantes, os Estados Unidos defendendo o sistema econômico capitalista e a União das Repúblicas Socialistas Soviéticas (URSS) defendendo o socialismo, é importante ressaltar esse fato histórico devido a sua influência na economia de Cuba, uma vez que, após a revolução ter derrubado Fulgêncio Batista do poder, o qual representava os interesses dos interesses norte-americanos no país, os EUA levaram outro golpe após a reforma agrária em 1959, com a assinatura que criava o Instituto Nacional de Reforma Agrária (INRA) que pretendia consertar a divisão desigual de terras, onde a maior parte delas estava sob controle externo e com ela mais de 100 mil camponeses tiveram direito de desfrutar do que era produzido nas terras (Le Riverend, 1997) e também a nacionalizaram de parte das empresas estrangeiras, sobretudo as refinarias de petróleo.

A radicalização das relações diplomáticas e comerciais por parte de Cuba culmina nos EUA uma política de intervenção, Ayerbe (2004) delinea uma rápida cronologia que demonstra as ações estadunidenses no período entre 1960 a 1962: Pressões dos Estados Unidos para restringir a venda de combustíveis a Cuba obrigam o país a recorrer ao fornecimento soviético de petróleo. Em junho de 1960, a Texaco nega-se a refinar o petróleo soviético. Posteriormente, a Esso e a Shell fazem o mesmo; em julho, o governo dos Estados Unidos reduz a cota de importação de açúcar cubano em





95%; em agosto, o governo cubano nacionaliza as empresas estrangeiras e suas propriedades rurais. Em outubro, nacionaliza as empresas privadas nacionais; em 3 de janeiro de 1961, os Estados Unidos rompem relações diplomáticas com Cuba. No mesmo mês, Cuba assina acordos com a União Soviética de venda de cota açucareira a preço fixo, independentemente das flutuações do mercado internacional, e de importação de petróleo soviético; no dia 15 de abril de 1961, aviões dos Estados Unidos bombardeiam quartéis e aeroportos com a finalidade de destruir aviões cubanos; o dia 16 de abril, em concentração popular para velar as vítimas do bombardeio, Fidel Castro proclama, pela primeira vez, publicamente o caráter socialista da Revolução Cubana; no dia 17 de abril, produz-se a invasão da Baía dos Porcos; em janeiro de 1962, Cuba é expulsa da Organização das Nações Unidas (OEA); em fevereiro, os Estados Unidos decretam o bloqueio econômico do país, o que inclui a proibição de todas as importações de produtos de origem cubana ou importados através de Cuba; em março, estendem a proibição à importação de produtos fabricados em qualquer país, que contenham total ou parcialmente produtos de origem cubana; em outubro, John Kennedy impõe o bloqueio naval, em virtude da instalação de mísseis soviéticos no território do país que deu início a crise dos mísseis, o conflito durou 13 dias e para encerrar a tensão os dois lados passaram por negociações e os EUA prometeram que não invadiriam Cuba novamente, como ocorreu na Baía dos Porcos.

Assim sendo, o bloqueio norte-americano no período de Guerra Fria serviu para que Cuba declarasse seus vínculos para com a potência antagonizada dos EUA, sendo assim, o país socialista. Após o estreitamento de laços com a URSS, a ilha adotou o modelo socialista proveniente dos soviéticos e conseguiram estabilizar sua economia, entretanto, já em 1980, desencadeia-se uma crise diplomática entre Cuba e os EUA, logo após a vitória do presidente Reagan e um número expressivo de pessoas descontentes decidiram querer partir para o país norte-americano, Fidel libera a saída dessas pessoas e os EUA prontamente os recebem seguindo a política adotada “pés secos, pés molhados”, que permitia que todo cubano que chegasse à Flórida teria visto





permanente, desse modo entre 125 mil a 150 mil cubanos fugiram (Charleaux, 2019). Mesmo com as dificuldades enfrentadas, a economia cubana conseguiu manter um crescimento da economia entre 1975 a 1985, Ayerbe (2004) afirma que a garantia de mercados para os produtos cubanos, com certa estabilidade nos preços; o abastecimento de bens manufaturados; matérias-primas e o acesso à tecnologia foram garantidos pelo estreitamento de relações com a URSS e pelo Conselho de Ajuda Mútua Econômico (CAME) que reunia países do bloco socialista, porém, essa relação também condicionou cuba à especialização, sobretudo na agroindústria, que produzia principalmente açúcar, durante a década de 1980, o mercado exterior associado a esses países representava uma grande parcela de seu mercado, cerca de 85%.

Quando a Guerra Fria chegou ao fim em 1991, culminou em um colapso da URSS e levou junto o CAME e assim, se deu início ao “período especial” na ilha, que estava interdependente desses países e acabou perdendo seus parceiros comerciais, seus fornecedores de petróleo e manufaturas, e também seu respaldo militar soviético, o país sentia falta dos itens mais básicos em sua economia, enquanto isso, o embargo norte-americano piorava cada vez mais, reforçando-se por duas leis: Lei Torricelli (1993) e a Lei Helms-Burton (1996) que queriam asfixiar Cuba ao impedir que outros países negociassem com ela, prometendo sanções aos países que o fizessem, as duas leis agravavam as crises que já eram enfrentadas. Todavia, nos anos 2000, após uma série de mudanças no país caribenho que se expressaram no sentido de recuperação e mudanças sociais, ela volta a registrar taxas de crescimento econômicas, possibilitando a abertura do mercado ao capital estrangeiro, mas sem abandonar o caráter social do país, a fim de obter mais interação com a economia internacional (Charleaux, 2019; Ayerbe, 2004).



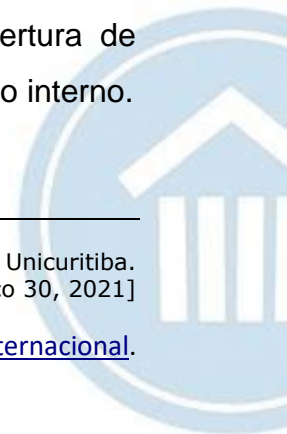


2.6 CUBA NA VIRADA DO SÉCULO XXI

A virada para o século XXI trouxe para Cuba a continuidade de seu lento processo de recuperação política e econômica, após enfrentar o forte bloqueio continental imposto pelos Estados Unidos da América em meados do século anterior, a ilha teve de se reinventar. O ano de 2001 se mostrou uma etapa difícil de ser vencida no país, uma vez que diversos agravantes, como o ataque de 11 de setembro no seu vizinho norte-americano e o furacão Michelle que atingiu a ilha dois meses depois, afetaram a economia ao abalar fortemente o setor do turismo e diminuir os investimentos externos devido ao endividamento que o governo cubano já acumulava.

A partir dos anos de 1990, a queda do bloco soviético e perda de seus principais aliados (URSS e países do Leste Europeu) permitiram a Cuba diversificar seus parceiros comerciais, aproximando-se da América e Europa Ocidental, tendo, nesse período, como seus novos principais parceiros a Venezuela (14%), Espanha (13%) e Canadá (9%) (BBC, 2001), entretanto, devido a sua instabilidade, até os dias atuais a ilha não é membro de qualquer bloco comercial regional, além de ser o único Estado americano que não faz parte da ALCA (Área de Livre Comércio das Américas), fundada por George Bush (EUA) em 1994.

Ao encontrar-se fora da égide soviética, ainda nos anos 1990 o país viu seu déficit econômico, condição que se arrastava desde o início da revolução dos anos 1950, agravar-se. Desse modo, coube ao governo implantar uma série de reformas econômicas para lidar e administrar a crise, abrindo o país ao investimento externo e instalação de multinacionais, ainda que de forma contida e altamente regulada pelo Estado. Parte da estratégia implantada para atrair investimento foi elevar o turismo à categoria de principal atividade econômica, medida essa que diminuiu de forma significativa o desemprego ao oferecer empregos informais de prestação de serviços e possibilitar a abertura de empresas familiares, aumentando o fluxo de moedas internacionais no mercado interno.





Entretanto, a mudança de foco da economia cubana levou a um abandono do setor agrícola: a falta de competitividade do açúcar cubano no mercado externo culminou no fechamento de cerca de metade das usinas, levando os trabalhadores rurais a buscar cargos em outros setores. A nova conjuntura veio acompanhada de uma acentuada instabilidade na segurança alimentar autossustentável, assim, nos dias atuais, boa parte dos alimentos consumidos são advindos de negociações internacionais, correspondendo a cerca de 60% do total das importações cubanas (Pérez-López, 2008).

Um dos pontos fortes do desempenho cubano é sua política externa adotada a partir do pós Guerra-Fria, atualmente, o país vem aumentando seu número de aliados a partir da cooperação internacional, enviando ajuda médica e militar a países em desenvolvimento. Segundo Rojas (2006), Cuba abriu mão de sua política externa ofensiva de promoção da política e economia socialista, para uma mais defensiva, a fim de buscar aliados, atrair recursos para manter seu regime e promover o desenvolvimento.

Sua relação com a antiga aliada potência norte-americana, não obstante, ainda não firmou um progresso estável, ao passo que Cuba abria seu mercado e moderava suas políticas econômicas, nos anos 1990 governo estadunidense efetivou duas leis restritivas: a Lei Torricelli e a Lei Helms-Burton. Foi durante o governo Obama que, em conclusão, as relações entre os vizinhos passaram a evoluir positivamente, sob o acordo com o presidente Raul Castro, em dezembro de 2014 foram reestabelecidas em sua totalidade as relações diplomáticas, implementando medidas como a reabertura da embaixada de Washington no território latino e o favorecimento de migrações, transações e negócios interestatais. A reaproximação se mostrou de suma importância para a soberania econômica e social cubana, pois possibilitou mais negócios exteriores para o abastecimento interno e espaço no mercado internacional, fato este que colaborou para a melhoria da qualidade de vida da população.





3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Desde o início de sua formação nacional, Cuba foi condicionada a dependência externa: seu extenso período de colonização pela Espanha e a dificuldade que tiveram em conseguir sua independência, levaram a uma conjuntura de forte intervenção estadunidense associada a concessões que a colocava novamente em uma posição de subserviência, encaminhando o país a uma economia voltada quase que exclusivamente ao setor primário devido a pouca industrialização e desenvolvimento, o que trazia consequências sérias para a população, quadro que se mantém, sobretudo após 1930, quando Fulgêncio Batista chega ao poder cubano e além instaurar uma ditadura, alinha ainda mais a ilha com a potência norte-americana.

Movidos pelo forte sentimento nacionalista e o desejo de liberdade, um grupo de revoltosos chamado MR-26/07, liderados por Fidel Castro, começaram greves e ofensivas com o objetivo de mudar a situação do país e dando assim início a Revolução Cubana em 1953, progressivamente, as investidas iam se agravando e durante os anos de 1956 a 1959 houveram diversas guerrilhas. Pouco a pouco a revolução ia conquistando seu objetivo, derrubando o governo de Batista juntamente com a influência dos Estados Unidos sobre a ilha. A revolução trouxe uma série de mudanças tanto estruturais quanto sociais para Cuba: quando Castro assume o governo, procura estabelecer medidas que pudessem equalizar os problemas da população e, ao implementar essas medidas, acabou fragilizando ainda mais os interesses estadunidenses sobre a ilha ao realizar a reforma agrária e nacionalizar empresas estrangeiras, parte delas pertencentes aos EUA.

Como forma de retaliação, o governo estadunidense realizou uma série de ações restritivas que debilitavam profundamente a economia cubana, se recusando a aceitar a retomada da ingerência americana no país, Fidel Castro, quando declara o caráter socialista da Revolução Cubana, aproxima e fortalece laços com a União Soviética, com isso, os embargos sobre Cuba se endurecem, em especial após a efetivação das leis





Torricelli (1993) e Helms-Burton (1996) que levaram a ampliação da crise cubana a um ponto de sentirem necessidade dos mais básicos produtos, já que seu estreito vínculo com a URSS e conseqüentemente, com os países do CAME, não foram suficientes para promover as melhorias e o desenvolvimento econômico na ilha, que na realidade permanecia ainda voltada ao setor primário.

Todavia, a partir dos 2000, o fim da URSS e o enfraquecimento do relacionamento de Cuba com o bloco socialista propiciaram ao país uma abertura ao investimento e mercado internacional, tornando-se uma nação com forte setor turístico que vem cada vez mais diversificando sua renda interna e propiciando progressivamente seu desenvolvimento independente. Nesse contexto, a ilha de Cuba atual mostra-se mais aberta ao diálogo e ações diplomáticas, além de ser conhecida por sua persistência nos ideais do socialismo, que a torna uma nação singular e de interessante estudo para a compreensão do sistema internacional contemporâneo.

REFERÊNCIAS

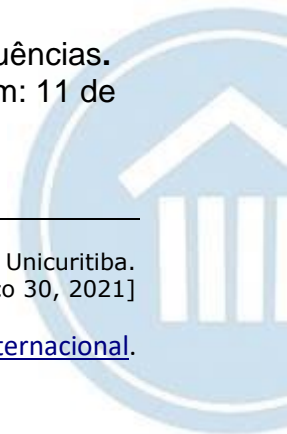
ANTIQUERA, Daniel. **Cuba em transformação: dimensões internacionais**. Grupo de Estudos da Política Latino-Americana (GEPAL), 2013.

AYERBE, Luís Fernando. **Coleção Revoluções do século XX: A Revolução Cubana**. 1 ed. 3ª reimpressão. São Paulo: Editora UNESP, 2004.

AYERBE, Luiz Fernando. **Estados Unidos e a América Latino: a construção da hegemonia**. Editora UNESP, 2002.

BAUER, Caroline Silveira; MAGALHÃES, Cristiane Maria; FREITAS, Eduardo Pacheco. **História da América: das independências aos desafios contemporâneos**. Porto Alegre: SAGAH, 2020.

CHARLEAUX, João Paulo. **A história da Revolução Cubana**. E suas conseqüências. Nexo Jornal, 2019. Disponível em: < <https://youtu.be/BscKGvIhTHI> > acesso em: 11 de novembro de 2020.





COKE, Thomas. **A history of the West Indies**: Containing the Natural, Civil and Ecclesiastical History of Each Island. V.3. Liverpool: Nuttall, Fisher, and Dixon, 1811.

GARCÍA, José Luis Rodríguez. **A economia cubana**: experiências e perspectivas (1989-2010). Estud. av. vol.25 no.72 São Paulo May/Aug. 2011.

LE REVIREND, Julio. **Breve História de Cuba**. 1. ed, 4ª reimpressão. Havana: Editorial de Ciencias Sociales, 1997.

MESA-LAGO, Carmelo. **A economia cubana no início do século XXI**: avaliação do desempenho e debate sobre o futuro. Opin. Publica vol.9 no 1 Campinas May 2003

MOREIRA, Zu. **Cuba: o desafio do país mais socialista da atualidade**. Havana: Brasil de Fato, 2019. Disponível em: <
<https://www.brasildefatomg.com.br/2019/02/13/cuba-o-desafio-do-mais-socialista-pais-da-atualidade> > Acesso em: 11 de novembro de 2020.

SANTORO, Maurício Cuba após a Guerra Fria: mudanças econômicas, nova agenda diplomática e o limitado diálogo com os EUA. **Rev. bras. polít. int.** vol.53 no.1 Brasília Jan./July 2010.

SARTORI, Juliana. **As relações entre Estados Unidos e Cuba no Governo Obama**: fatores significativos para a reaproximação entre os dois países. Florianópolis: Universidade do Sul de Santa Catarina, 2016.

SCHOULTZ, Lars. **Estados Unidos**: poder e submissão uma história da política norte-americana em relação à América Latina. Editora EDUSC, 1999.

VASCONCELOS, Joana Salém. **Cuba e a dependência externa**: passado e presente. V.6. **Revista Brasileira E Estudos Latino-Americanos (REBELA)**, 2016.

Y SÁNCHEZ, Ramiro Guerra. **Historia de Cuba**. Havana: "El Siglo XX", 1921. Acesso em: 16 de setembro de 2020.

